

## **PROFESSAR POR ESCRITO: QUESTÕES SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE E O DESEJO DE ESCREVER DO PROFESSOR - UFSC**

Mariana De Bastiani Lange

Palavras-chave: escrita; ensino; formação.

A escrita nos diz respeito. Longe de pensar a escrita somente como restrita aos ambientes acadêmicos, escolares e literários, a escrita nos diz respeito enquanto cidadãos. Portanto, é preciso realizar uma espécie de deslocamento e tirar a solenidade da escrita, solenidade esta que parece indicar que escrever é muito difícil e deve ser evitado sempre que possível. Partindo desse pressuposto, o presente trabalho ressalta que é preciso voltar os olhos para o laço entre a universidade e o ensino básico, propondo a escrita como um modo de trabalhar e produzir reflexões. Partindo dos estudos de Roland Barthes, que salienta a ponte entre o ler e o escrever, indagamos com ele: como se pode ler sem se sentir obrigado a escrever? E ainda: como é possível haver mais leitores que escritores? Entre o ler e o escrever encontra-se um sujeito com medo de errar, com receio de enfrentar a crítica e com amarras relacionadas às suas experiências escolares e acadêmicas. Com o objetivo de refletir sobre o lugar da escrita na formação do professor, nos aproximamos da filosofia de Jacques Derrida, que propõe pensarmos sobre o verbo “professar” e suas implicações éticas. Professar é expor abertamente em que se acredita, por isso, torna-se importante ressaltar a responsabilidade implicada neste ato. Deste modo, indagamos a respeito não apenas do papel da escrita na formação do professor, mas, em especial, sobre o desejo de escrever e como este se configura na trajetória de formação do docente. Aprender a escrever não é aprender a querer escrever. Como se transmite o desejo de escrever? Desejo se ensina? O presente trabalho está situado no campo de interface entre Filosofia, Educação e Psicanálise e visa refletir sobre a formação do professor e, para além da formação do leitor (da qual tanto se fala nos ambientes ligados à área da educação), a formação do escritor – escritor, para Barthes, como sendo simplesmente “aquele que escreve” –, questionando sobre uma possível relação entre essas experiências: a formação do professor e o exercício da escrita. Com base em teóricos da filosofia e da psicanálise, indaga-se sobre as reverberações do desejo de escrever no campo da educação, bem como indaga-se sobre escrita e transmissão, buscando explicitar as tensões existentes

entre a formação acadêmica e os desafios cotidianos do educador no que concerne ao caminho entre o ler e o escrever.

### **Referências:**

BARTHES, R. *Aula*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. 12 ed. São Paulo: Cultrix, 2004a.

\_\_\_\_\_. *A Preparação do Romance II – A obra como vontade*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. Escritores e escreventes. In: *Crítica e verdade*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2007.

\_\_\_\_\_. Que é a escrita? In: *O grau zero da escrita*. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004c.

\_\_\_\_\_. Reflexões a respeito de um manual. In: *O rumor da língua*. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004b.

DERRIDA, J. *A universidade sem condição*. Trad. Evando Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

FREUD, S. Escritores criativos e devaneios (1908). In: *A Gradiva de Jensen e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. IX. p. 133-146. p. 138. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud).

PICARD, G. *Todo mundo devia escrever: a escrita como disciplina de pensamento*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.